



Relatório de acompanhamento dos custos de produção SERINGUEIRA

Edição nº 03/2024

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
Maio/2024

Em maio de 2024, heveicultores de São José do Rio Preto e região se reuniram presencialmente, em São José do Rio Preto, para o levantamento dos custos de produção da borracha natural. A ação faz parte do projeto Campo Futuro, uma iniciativa da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), que conta com o apoio da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de São Paulo (FAESP) e seus Sindicatos Rurais filiados.

Com o objetivo de determinar um custo médio representativo da região de São José do Rio Preto, foi definida a propriedade modal, que reflete o perfil de propriedade mais comum na região. De acordo com os participantes do levantamento, a propriedade mais representativa possui 30 hectares em produção com heveicultura, com rendimento médio de 2.000 kg de coágulo por hectare ao ano. Toda a área de seringal é própria e o ciclo de produção desse seringal é de 35 anos, com a extração do coágulo se iniciando no sétimo ano, ou seja, 28 anos de produção efetiva. O preço médio de comercialização do coágulo na região de São José do Rio Preto foi estabelecido em R\$ 2,90/kg (tabela 1).

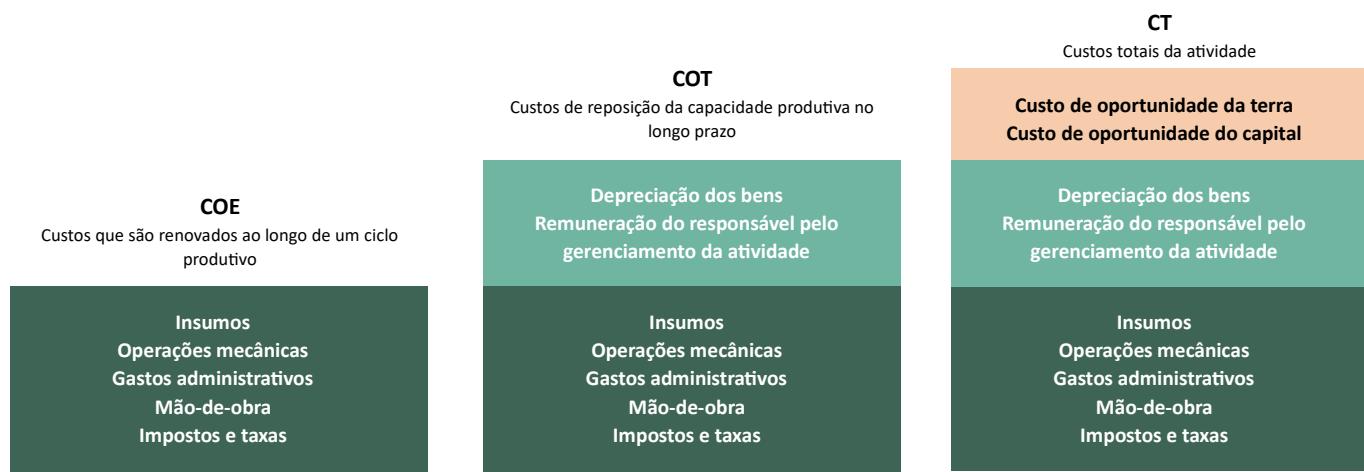
Tabela 1. Caracterização da propriedade modal com heveicultura na região de São José do Rio Preto, em 2024.

Indicador	Unidade	Valor
Área em produção	hectare	30
Produtividade do coágulo	kg/hectare/ano	2.000
Ciclo de produção	anos	35
Preço médio do coágulo	R\$/kg	2,90

Fonte: CNA; FAESP. Elaboração: FAESP/Departamento Econômico.

Com relação à metodologia adotada, destaca-se que os custos levantados são divididos da seguinte maneira: i) Custo Operacional Efetivo (COE), que engloba os custos que são renovados ao longo de um ciclo produtivo (insumos, operações mecânicas, gastos administrativos, mão-de-obra, impostos, taxas e outros); ii) Custo Operacional Total (COT), que considera o COE e também a depreciação dos bens e a remuneração do responsável pelo gerenciamento da atividade, configurando-se os custos de reposição da capacidade produtiva no longo prazo; e iii) Custo Total (CT), que consolida o COT e os custos de oportunidade da terra e do capital (figura 01).

Figura 01. Composição dos custos de cada atividade produtiva levantada.



Preço > COE = Margem Bruta Positiva
Preço < COE = Margem Bruta Negativa

Preço > COT = Margem Líquida Positiva
Preço < COT = Margem Líquida Negativa

Preço > CT = Resultado Positivo (Lucro)
Preço < CT = Resultado Negativo (Prejuízo)

Fonte: CNA. Elaboração: FAESP/Departamento Econômico.

A partir dos custos, foram calculadas as margens brutas, as margens líquidas e o resultado final da atividade. A margem bruta é o preço de comercialização do produto menos os custos de renovação do ciclo produtivo (COE). Quando o preço de comercialização do produto é maior que o COE, a margem bruta é positiva; caso contrário, a margem bruta é negativa. Já a margem líquida é obtida pelo preço de comercialização menos o custo de reposição da capacidade produtiva no longo prazo (COT). Se o preço de venda do produto for maior que o COT, a margem líquida é positiva; no caso inverso, a margem líquida é negativa. Por fim, o resultado da atividade é dado pelo preço de comercialização menos o custo total da atividade (CT), tal que se o preço for maior que o CT, tem-se lucro, e se o preço for menor que o CT, a atividade está resultando em prejuízo (figura 1).

Quando a margem bruta resulta negativa, indica-se que a atividade não consegue cobrir seus custos operacionais imediatos, sinalizando dificuldades financeiras a curto prazo. Uma margem líquida negativa sugere que, além dos custos operacionais, a atividade não está gerando receita suficiente para manter sua capacidade produtiva a longo prazo, possivelmente levando à descapitalização do produtor. No entanto, esses indicadores também podem orientar ajustes na gestão e na produção, visando otimizar custos e melhorar a rentabilidade no médio e longo prazos, mantendo assim a sustentabilidade financeira da atividade.

Isto posto, a análise dos resultados obtidos demonstra que o retorno financeiro da heveicultura na região de São José do Rio Preto não é suficiente para cobrir os custos renováveis do ciclo produtivo (COE), de R\$ 4,35/kg coágulo, resultando em uma margem bruta negativa de R\$ 1,45/kg coágulo. Os resultados tampouco possibilitam a cobertura dos custos de reposição da capacidade produtiva no longo prazo (COT), de R\$ 5,77/kg coágulo, tal que a margem líquida é negativa em R\$ 2,87/kg coágulo. Diante desse cenário, em que o custo total da atividade (CT) é de R\$ 11,18/kg coágulo, o resultado econômico reflete um prejuízo de R\$ 8,28/kg coágulo (tabela 2).

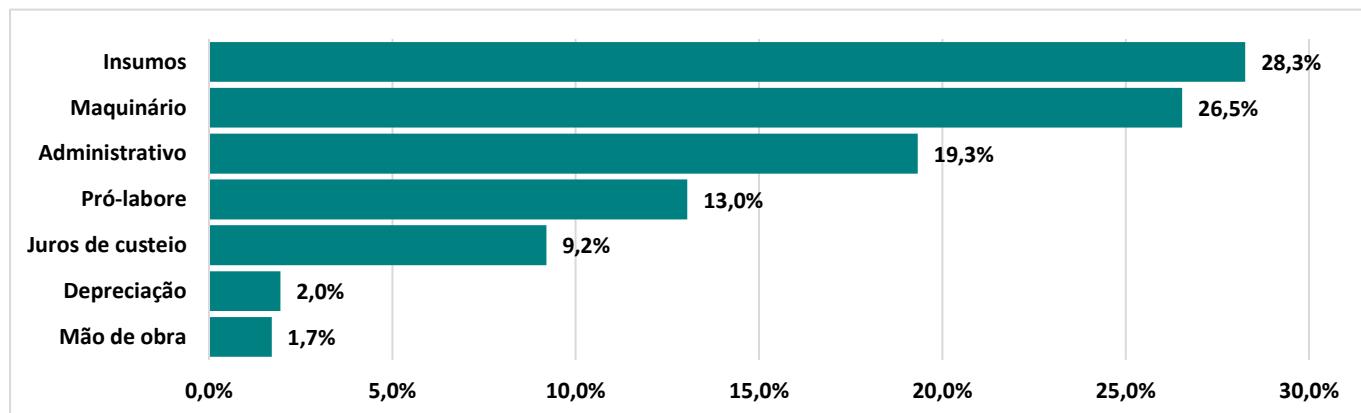
Tabela 2. Resultados econômicos da produção de borracha natural em São José do Rio Preto/SP, em 2024.

Componentes do custo	Valor (R\$/ha)	Valor (R\$/kg)	Participação (%)
COE – Custo Operacional Efetivo	243.742,67	4,35	39%
Manutenção	151.536,89	2,71	24%
Extração de látex	62.466,55	1,12	10%
Administrativo	29.739,23	0,53	5%
COT – Custo Operacional Total	323.110,30	5,77	52%
COE	243.742,67	4,35	39%
Implantação do seringal	31.067,63	0,55	5%
Pré-plantio	4.152,67	0,07	1%
Plantio	10.488,44	0,19	2%
Pós-plantio	16.426,52	0,29	3%
Depreciações	6.300,00	0,11	1%
Pró-labore	42.000,00	0,75	7%
CT – Custo Total	625.994,03	11,18	100%
COT	323.110,30	5,77	52%
Remuneração da terra	138.250,00	2,47	22%
Remuneração do capital	164.633,73	2,94	26%
Receita bruta	162.400,00	2,90	-
Margem bruta	-81.342,67	-1,45	-
Margem líquida	-160.710,30	-2,87	-
Lucro/Prejuízo	-463.594,03	-8,28	-

Fonte: CNA. Elaboração: FAESP/Departamento Econômico.

Dos componentes do COT, os que mais influenciam no resultado são os insumos, o maquinário, as despesas administrativas e o pró-labore, com participações de 28,3%, 26,5%, 19,3% e 13,0%, respectivamente, no custo operacional total. Em seguida, tem-se os juros de custeio (9,2%), depreciação (2,0%) e mão de obra (1,7%) (figura 2).

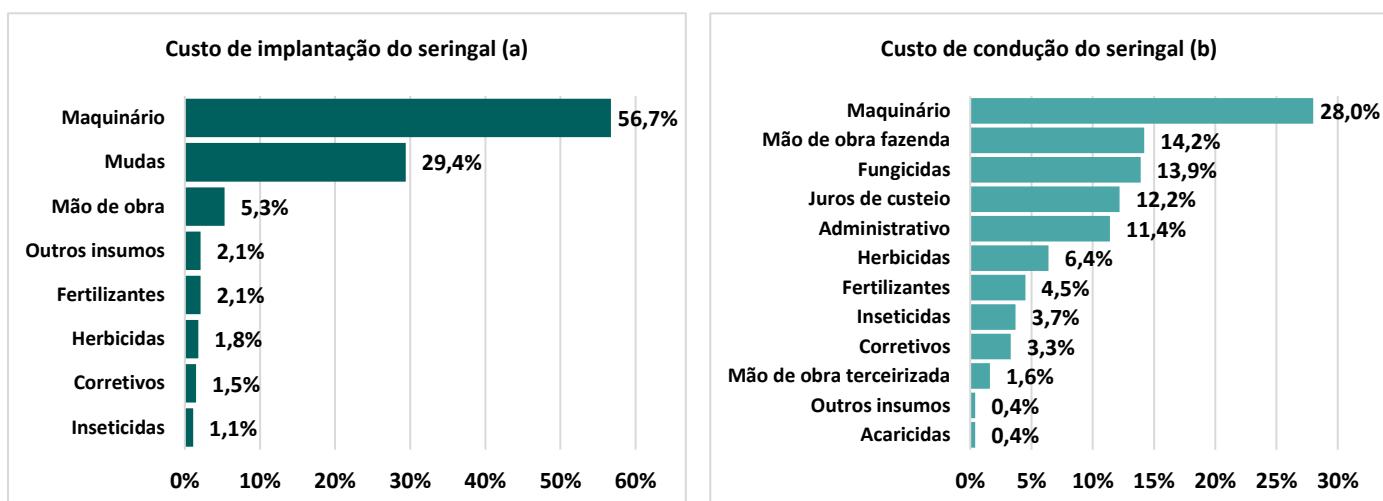
Figura 2. Participação de cada item no Custo Operacional Total (COT) da heveicultura, em São José do Rio Preto, em 2024.



Fonte: CNA. Elaboração: FAESP/Departamento Econômico.

Analisando apenas o custo de implantação do seringal, que compõe o COT, mas não o COE, dado que o COE compreende apenas os custos renováveis, tem-se que o maquinário e as mudas são os principais componentes do custo, participando com 56,7% e 29,4%, nessa ordem. Mão de obra, fertilizantes, herbicidas, corretivos, inseticidas e outros insumos representam apenas 13,9% do total (figura 3-a). Em termos de custo de condução do seringal, o maquinário se mantém como a maior despesa, de cerca de 28% do total. Em seguida, tem-se a mão de obra da fazenda (14,2%), fungicidas (13,9%), juros de custeio (12,2%), despesas administrativas (11,4%) e herbicidas (6,4%). Os demais insumos representam 13,9% do custo total de condução (figura 3-b).

Figura 3. Participação dos componentes do custo de implantação do seringal (a) e do custo de manutenção do seringal (b), na propriedade modal de São José do Rio Preto, em 2024.



Fonte: CNA. Elaboração: FAESP/Departamento Econômico.

Os resultados expostos evidenciam as dificuldades enfrentadas pelo heveicultor paulista da região de São José do Rio Preto. Além dos custos elevados da atividade, os preços reduzidos têm contribuído fortemente para a descapitalização do produtor, que opera com margens negativas e retorno financeiro incapaz de cobrir até mesmo as despesas de renovação do ciclo. Esta análise destaca a necessidade de apoio à cadeia produtiva da borracha natural, para que a produção seja rentável e para que o heveicultor se mantenha nessa atividade de grande impacto econômico e social para o estado de São Paulo.

